

## **A Imagem que Não Conta a Verdade: A Fotografia Histórica e o Uso da Imagem em Narrativas Falsas em Regimes Ditatoriais no Brasil<sup>1</sup>**

Maria Eduarda Braga Cabral<sup>2</sup>

José Afonso da Silva Júnior<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

As mídias digitais oferecem um ambiente propício para o compartilhamento de *fake news* na atualidade. Somado a isto, pode ser observado que elas se utilizam cada vez mais de recursos de imagem em sua composição. Entretanto, se faz necessário entender como as narrativas falsas se comportam na história e como elas também se associavam às imagens para disseminar uma informação falsa em detrimento de interesses políticos. A pesquisa tem como objetivo identificar, a partir de fotografias do Estado Novo e da Ditadura Militar no Brasil, como regimes de poder, sobretudo políticos, se utilizaram de imagens para propagar uma *fake news*. Entre os principais autores abordados estão Sontag, Emérito e Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; Brasil; fake news; ditadura; narrativas falsas.

### **INTRODUÇÃO**

O termo *fake news* se populariza em 2016, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos. Uma das fotos que fazia associação a uma notícia falsa e que mais repercutiu durante o pleito foi a de uma mulher segurando um “bebê alienígena” nos braços, fazendo menção à candidata Hillary Clinton, que fazia oposição a Donald Trump. Uma pesquisa da Universidade de Ohio e divulgada pelo jornal The Conversation aponta que a estratégia de apostar nas *fake news* levou Trump a ocupar o cargo da presidência até 2020 tendo sido eleito por voto popular.

No Brasil, o contexto de associação de imagens às *fake news* não é muito diferente, principalmente quando se trata de política. Durante a última campanha eleitoral para a presidência, em 2018, um comportamento bastante parecido com o dos Estados Unidos foi observado no país. Foram compartilhadas de forma massiva diversas imagens, como a da candidata a vice-presidente pelo PT, Manuela D’ávila, com tatuagens de Fidel Castro e Che

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: [eduardabragacabral@gmail.com](mailto:eduardabragacabral@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: [jose.silvajr@ufpe.br](mailto:jose.silvajr@ufpe.br)

Guevara e até mesmo uma foto do presidente Trump segurando uma camisa com o nome “Bolsonaro”, prestando suposto apoio ao até então candidato à presidência.

No entanto, a associação de falsas narrativas a imagens não tem início com o mais recente período eleitoral estadunidense ou brasileiro. É em atenção a isso que esta pesquisa tem como objetivo voltar os olhos ao passado para analisar como imagens históricas do Brasil compõem um quadro bastante parecido com o que é visto na atualidade com as *fake news*, sobretudo em regimes ditatoriais. Diante desse cenário, a pesquisa busca identificar os momentos em que, diante destes regimes na história do Brasil, imagens históricas e de grande repercussão reproduziram ideais distorcidos ou falsos.

Além disso, a análise apresentada busca também destacar a presença da imagem como testemunho destas narrativas e como poderes políticos se aproveitaram da imagem para promover as supostas verdades de seus interesses. A relevância da pesquisa se dá em virtude da necessidade de compreender que este tipo de narrativa, que interliga as imagens às *fake news*, não corresponde apenas à atualidade. Sendo assim, a pesquisa analisa, através de quatro fotografias históricas, como as imagens associadas às *fake news* representaram uma narrativa falsa, muito antes do próprio termo “*fake news*” se popularizar.

Como problema, foi levantada a seguinte indagação: como as imagens históricas do Brasil se apresentam dentro do contexto de representação do falso e como esse processo de falseamento de informações, somado às imagens, se assemelha com as *fake news* da atualidade? A partir disso, foram levantadas duas hipóteses. A primeira é de que as imagens constituíram papel fundamental na propagação das notícias falsas ou distorcidas na história do Brasil. Sendo assim, este cenário que se apresenta na atualidade com as *fake news* não seria novo, mas uma reprodução de um mecanismo de falseamento já existente somado ao compartilhamento em massa nas mídias sociais. A segunda diz respeito ao contexto em que estas imagens estão inseridas, que favorece em sua maior parte os interesses políticos.

Para elucidar estas questões, a pesquisa adota como objetivo geral identificar, a partir de fotografias do Estado Novo e da Ditadura Militar no Brasil, como as narrativas falsas eram apresentadas para favorecer interesses políticos antes do surgimento do disparo em massa de informações através das mídias digitais. Para isto, delimitam-se três objetivos específicos: evidenciar o que é considerado como o falso, que se apresenta nas narrativas históricas e atuais; analisar o contexto histórico em que as imagens analisadas estavam inseridas; e analisar de que forma as imagens integram o contexto em que são identificadas as notícias falsas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A falsificação surge na história da humanidade desde os seus primórdios. É o que aponta Emérito (2015) quando destaca o falso mercadológico, que não está apenas associado às artes visuais, mas pode ser identificado a partir da comercialização de pedras preciosas falsificadas há cinco mil anos. Depois disso, é possível identificar a falsificação em diversos momentos da história, como na “manifestação adversa de falsificação” (pág. 12) por parte da Igreja Católica, por volta do ano 391 D.C., para favorecer acréscimos financeiros e promover efeitos doutrinários, ou até mesmo no falseamento de relíquias arqueológicas criadas com o objetivo de contrariar o tratado evolucionista “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin.

Ao tratar do significado da falsificação, Emérito a destaca que o falso se relaciona com a intencionalidade, tem o objetivo de enganar e está associado à ideia de fraude e mentira, enquanto as simulações, por sua vez, são uma forma de promover críticas a um determinado processo de criação, intertexto ou contexto cultural. A partir disso é possível identificar de que forma o falso permeia diversos processos de criação de narrativas e quais são os mecanismos utilizados para fazer com que elas sejam credíveis por quem se depara com elas. A partir do que diz o autor, pode ser afirmado que as notícias falsas têm como objetivo reproduzir uma narrativa que engana quem as consome.

Apesar do compartilhamento massivo de *fake news* por meio das mídias digitais ser uma característica da atualidade, sobretudo dos últimos anos, a produção desse tipo de conteúdo ultrapassa a barreira de espaço e tempo do que é caracterizado como pós-verdade. De acordo com Roque e Bruno (2018), o fenômeno da pós-verdade se concentra na ocupação das crenças e valores na centralidade dos debates. “É uma crise que questiona competências e desafia as medições estabelecidas para que uma afirmação possa ser reconhecida como válida” (pág. 2).

No Brasil, o compartilhamento de *fake news*, seguido do nascimento de iniciativas de checagem de fatos, é amplificado em períodos eleitorais. Em 2010, o Mentirômetro e o Promessômetro apontavam para as mentiras ou discursos duvidosos de candidatos à presidência. Em 2014, surgem iniciativas, como o Truco, e em 2018 diversas outras já existiam, com o Comprova, a agência Aos Fatos, a Lupa, o Fato ou Fake do portal G1. O nascimento e a expansão da quantidade de portais de checagem, que além de checar desmentem as notícias falsas e instruem para lidar com esse tipo de conteúdo, é sinal do crescente aumento de compartilhamentos de notícias falsas. Entretanto, as *fake news* não podem ser consideradas

como marca apenas da pós-verdade, mas podem ser identificadas em outros períodos da história brasileira associada a contextos políticos, como os regimes ditatoriais.

Uma pesquisa de Vieira e Rizzi (2019) aponta que, durante a campanha eleitoral à presidência do Brasil, em 2018, entre os dias 16 e 7 de outubro, outro fenômeno pôde ser confirmado. Mais da metade das notícias falsas analisadas em portais de checagem de fatos possuíam imagens. Assim como as *fake news* podem ser encontradas em outros períodos da história do país, a presença das imagens também se faz presente em narrativas que favoreciam os interesses de poderes políticos, como no Estado Novo, de 1937 a 1945, e na Ditadura Militar, de 1964 a 1985.

## 2.1 – A verdade e a mentira na imagem

A fotografia pode ser considerada uma das formas de registro de imagem mais populares desde a modernidade. Isso se dá pela força da sua objetividade na representação dos fatos. É o que destaca Sontag (1977), ao falar que a fotografia é uma “experiência capturada”, e que “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada”. A imagem feita a partir da câmera, segundo a autora, faz com que a fotografia possa ser considerada não só como uma manifestação do mundo, mas uma captura de um pedaço dele. Sontag destaca que as “fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina”. E continua:

“Numa outra versão de sua utilidade, o registro da câmera justifica. Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (SONTAG, 1977)

Sontag (2003) afirma também que algo se torna real ao ser fotografado. Portanto uma narrativa adquire elementos da realidade ao ser registrada pela câmera. A autora aponta ainda que as fotografias reúnem dois atributos que lhe dão vantagem para comunicar algo: elas são registro e testemunho do real. Ao citar Wolf, Sontag destaca a objetividade da fotografia e como ela, por vezes, se torna incontestável. O registro fotográfico é “incontroverso como nenhum relato verbal poderia ser”, e graças à sua objetividade se torna testemunho do real.

[...] “o olho está ligado ao cérebro; o cérebro, ao sistema nervoso. Esse sistema envia suas mensagens na velocidade de um raio através de toda a memória do passado e do sentimento do presente”. Esse truque de ilusionista permite que as fotos sejam um registro objetivo e também um testemunho pessoal, tanto uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade como uma interpretação dessa

realidade—um feito a que a literatura aspirou por muito tempo mas que nunca conseguiu alcançar, nesse sentido literal.” (SONTAG, 2003)

A aproximação da informação com a realidade se torna ainda mais evidente quando o que é informado se apresenta como uma fotografia. É o que destaca Buitoni (2013), que evidencia que o senso comum, grande parte das vezes, atribui verdade à imagem fotografada. Por possuir um referente único, a fotografia comprova a existência daquilo que foi fotografado. É esta característica fundamenta a gênese de fotojornalismo, que tem como primícia a informação por meio da imagem. Por sua vez, o fotojornalismo perpetua a mesma ideia de que a imagem capturada é reflexo da realidade.

Entretanto, apesar do poder da fotografia em representar aquilo que é real, Sontag ressalta que as imagens são uma fina fatia do tempo e espaço, onde as margens, delimitadas pelo enquadramento e por diversos outros fatores subjetivos, podem fazer com que a narrativa seja contada de forma desconexa. As fotos, ao mesmo tempo que são uma forma realista de capturar acontecimentos, “são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia”.

Buitoni, por sua vez, afirma que além da composição ou enquadramento adotados por quem faz o registro a manipulação da imagem é um dos fatores que atua no processo de quebra da ideia de que a imagem é imaculada de falsidade. Entretanto, mesmo quando os indivíduos podem comprovar as possibilidades de manipulação da imagem, a ideia de que a fotografia é um espelho da realidade ainda é perpetuada. “A grande justificativa filosófica do uso de fotos pelo jornalismo é o fato de ser um registro da realidade. No fluxo de percepções, a função de espelho do real surge mais forte do que a função de manipulação” (pág. 54).

Ao citar Umberto Eco, Emérito vai evidenciar que aceitar ou não que uma fotografia pode ter sido manipulada ou descontextualizada é um fator que está diretamente associado ao indivíduo que vai visualizá-la. O autor afirma que “não importa se a tela é real ou adulterada, o que interessa é se as pessoas acreditam ou não na sua veracidade”. Emérito recorda que as primeiras fotografias serviam como uma espécie de mapa para as pinturas realistas. As fotos e seu caráter crédulo ofereciam uma experiência de representação fiel da realidade, característica utilizada pelos regimes ditatoriais para compor uma narrativa de acordo com seus interesses. Emérito afirma ainda que “verifica-se que o fetichismo pela realidade conferida à fotografia torna-a instrumento de manipulação”.

Somado a essa questão está o fato de que, por ser uma ferramenta que remete à representação fiel do real, é ainda mais difícil para que grande parte das pessoas que têm acesso

a essas imagens consigam identificar quando se trata de uma narrativa falsa. É desta forma que a fotografia permeia o senso comum e é utilizada como artifício para as *fake news*.

“Faz-se importante acrescentar que, em muitos casos, grande parte de uma sociedade não possui conhecimento técnico suficiente para poder perceber as propriedades que realmente distinguem dois objetos “semelhantes” e, por conseguinte, reconhecem-nos como idênticos.” (EMÉRITO, 2015, p. 16)

## 2.2 – Regimes ditatoriais e narrativas falsas

A fotografia, desde seus primórdios, apresenta que há formas diversas de realizar um registro, que nem sempre são reflexo da realidade. Ainda em 1840, Hippolyte Bayard fotografou a si mesmo e protagonizou o primeiro autorretrato e a primeira *fake news* em forma de imagem da história. Mizoeff (2016) conta que o fotógrafo francês desenvolveu uma forma para manter as imagens fixas em uma superfície fotossensível na mesma época em que Daguerre e Talbot desenvolveram, na Grã Bretanha, uma técnica para isso. A ideia de Bayard ficou “às margens da história da fotografia porque a invenção foi atribuída a seu colega Daguerre”. Na imagem, ele aparece com a pele escura, nas mãos e no rosto, fazendo com que as pessoas pensassem que ele estava realmente morto e havia sido vítima de um afogamento.

Mas, para além da imagem e da licença criativa na produção de imagens de fotógrafos como Bayard, o que pode ser considerado como verdade ou mentira quando o assunto é a informação? Para Foucault (1976), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’, de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”. Os mecanismos e instancias de cada sociedade fazem com que sejam definidos os enunciados considerados verdadeiros ou falsos. A verdade, ou como diz o autor, os “regimes de verdade”, estiveram associados, nas mais diversas sociedades, aos sistemas de poder que os reproduzem e apoiam. Esta verdade está debaixo de um guarda-chuva formado pela incitação econômica e política.

Para Foucault, o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder". A produção de verdades em uma sociedade está intrinsecamente ligada a político, econômico, institucional.

“A "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. "Regime" da verdade. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo” (FOUCAULT, 1979)

Candau (2011), por sua vez, ao falar da imagem como forma de representação, afirma que a fotografia pode ser interpretada como uma “arte da memória”, que serve para materializar

o tempo e colocá-lo em ordem. Além disso, o autor afirma que a imagem pode ser utilizada como “suporte de uma narrativa possível” (pág. 90), ou seja, pode servir como porta-voz da verdade de uma determinada sociedade, de um sujeito ou uma família, porque materializa algo que aconteceu. Sendo assim, a imagem está diretamente associada às narrativas de representação dos regimes de verdade de uma sociedade.

Por sua vez, a desinformação em regimes ditatoriais parte da reprodução de verdades instituídas por regimes de poder. Estes regimes, marcados por censuras, são conhecidos por ditar aquilo que deve ser considerado verdade. Para Jardim e Zaidan (2018), “o controle da informação por mecanismos censores busca remodelar o que considera-se como memória, tecendo um futuro que se abstém de conteúdos considerados como impróprios de reverberação”. Estas narrativas falsas que nascem durante as ditaduras são ferramentas políticas, das instituições de poder, usadas para acobertar crises ou influenciar uma sociedade a comprar uma ideia de verdade.

Os regimes ditatoriais da história do Brasil se utilizaram se mecanismos associados a desinformação e imagens para disseminar seus interesses. As ditaduras, que estavam debaixo de regimes de verdade, partem da censura como reguladora das informações que podem ou não ser veiculadas na imprensa. Sendo assim, as verdades noticiadas pelos veículos de comunicação partiam da intencionalidade de quem tinha o poder político. Jardim e Zaidan vão destacar, no entanto, que este cenário pode ser percebido desde a chegada dos portugueses ao país. A censura e regulação do que era noticiado na imprensa é uma característica das instituições política de poder desde o Brasil Colônia, devido a chegada tardia da imprensa no país. Na história do Brasil, uma sucessão de acontecimentos marca a presença da censura contra a imprensa e contra o povo, como nas revoltas do Forte de Copacabana (1922) e até mesmo na Greve dos Operários de São Paulo (1917).

Em 10 de novembro de 1937, o então presidente Getúlio Vargas, que ocupou o cargo de forma constitucional, implementou o Estado Novo. O regime de caráter autoritário tinha como pressuposto o combate a supostas influências ideológicas comunistas no Brasil e contra o Plano Cohen, que seria uma ideia comunista para a tomada do poder no país através de medidas violentas e revolucionárias. Entretanto, a implementação do Estado Novo era fundamentada a partir do desdobramento de uma série de desinformações propagadas pelo governo Vargas.

Em sua estratégia, o presidente se utilizou da articulação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para fomentar propagandas de repercussão positiva em apoio ao seu

governo. Entre as medidas adotadas pelo DIP estava a divulgação de material publicitário, associando a imagem do presidente ao populismo, e o rigoroso controle da radiodifusão. Além disso, o controle da informação ultrapassava a comunicação e abrangia ainda a arte e cultura.



FONTE: Reprodução/ProEnem

Vargas foi deposto do cargo de presidente da República em 1945, após se manter no poder por quase 15 anos. Por quase 20 anos o país passou pelas mãos de outras figuras presidenciais, como Juscelino Kubitschek e João Goulart, até que em 1964 foi registrado o Golpe Militar que daria início a um novo regime ditatorial. Jardim e Zaidan apontam para o apoio da imprensa ao movimento através da veiculação de propagandas e notícias tendenciosas. Os autores destacam que este momento da história do país destaca que a imprensa sempre esteve atrelada às instituições de poder vigentes.

“Uma das razões pela qual a mídia e imprensa brasileira assentiram de forma passiva a implantação do Regime Militar, além de terem atuado como agente propagador das informações construídas sob o interesse desse governo deve-se ao seguinte fato de que o jornalismo brasileiro nunca conseguiu se desvencilhar da influência exercida pela política” (JARDIM E ZAIDAN, 2018)

Durante o Regime Militar, a censura foi instaurada como forma de conter os crescentes movimentos de renascimento sexual, libertação feminina e conflito entre gêneros e gerações. A estratégia do governo de promover a censura e propagar desinformação partia da preocupação de perpetuar a repressão, que “nada mais era do que uma tentativa agressiva de submeter o pensamento público ao modelo de conduta esperado pelos militares, evitando abrir brechas que permitissem a evasão de ideologias opositoras”, como afirmam os autores. Este regime também foi marcado por movimentos sociais instaurados contra os poderes políticos, como as Diretas Já. Diversas das manifestações realizadas contra a repressão da ditadura foram veiculadas na



imprensa, em jornais impressos, rádios e emissoras de televisão apresentando falsas narrativas e utilizando imagens para contá-las.

### 3 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa parte de duas estratégias metodológicas, sendo elas o levantamento bibliográfico e a análise de conteúdo. A bibliografia utilizada na fundamentação aponta como a imagem pode se utilizar de características para contar narrativas que representam a realidade ou servir de mecanismo para propagar algo falso. Além disso, os autores utilizados também trazem à luz o debate sobre as estratégias de desinformação associadas a poderes políticos na história do Brasil. A partir dos regimes de verdade, que ganharam proporção a partir do apoio da imprensa na propagação de narrativas, censuras e ditaduras podem ser destacadas.

A pesquisa dá destaque às narrativas de desinformação dos períodos que foram marcados pela censura e pela desinformação, que se assemelha ao modelo pós-moderno das *fake news*. As estratégias adotadas pelos poderes políticos tinham como objetivo a propagação de um regime de verdade e de um subsequente regime ditatorial. O que pode ser observado nos regimes do Estado Novo e da Ditadura Militar no Brasil é a reprodução de narrativas de desinformação que perpetuaram a vigência destes modelos de governo durante anos, com intervalo de pouco menos de 20 anos de um para o outro.

As imagens apresentadas a seguir tem como objetivo destacar a influência das fotografias na composição das narrativas falsas propagadas por estes regimes ditatoriais. Serão destacadas quatro imagens, duas referentes ao Estado Novo, que mostram como a fotografia testemunha os desdobramentos da implementação do regime e as mentiras a respeito dos movimentos revolucionários, e duas da Ditadura Militar, que mostram como as narrativas divulgadas pela imprensa influenciaram na propagação da desinformação.

A primeira imagem trata do anúncio do Estado Novo, feito pelo presidente Getúlio Vargas, após uma sequência de notícias falsas sobre uma suposta ameaça comunista. A segunda mostra a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e seus comparsas, que foram alvo de diversas notícias falsas e foram mortos durante a ditadura varguista. A terceira imagem é do jornalista Vladimir Herzog, morto durante a Ditadura Militar e que teve a causa da morte divulgada pelas autoridades. A última imagem mostra a Praça da Sé, em São Paulo, tomada por

manifestantes que pediam as Diretas Já, mas que foram silenciados pelos veículos de imprensa, que afirmaram que as pessoas estavam ali comemorando o aniversário da capital paulista.

## 4 ANÁLISE DAS IMAGENS

### 4.1 – Vargas anuncia a implementação do Estado Novo em 1937

No dia 10 de novembro de 1937, diante de seus ministros, Getúlio Vargas anunciava na rádio, para todo o Brasil, a instituição do Estado Nacional, que ficaria conhecido como Estado Novo, a partir de uma nova constituição assinada por ele naquele mesmo dia. A partir dali o país viveria cerca de oito anos sob a ditadura. A imagem do anúncio feito pelo presidente mostra o momento em que ele discursava na rádio e anunciava seu combate ao Plano Cohen, uma suposta estratégia comunista para acabar com o país.

A imagem testemunha o exato momento em que uma *fake news* toma proporção em um meio de comunicação de massa e faz com que o Brasil permaneça durante anos sob um processo marcado pelo autoritarismo, repressão e suspensão de direitos dos trabalhadores.



FONTE: Reprodução/IstoÉ

### 4.2 – Morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em 1938

Uma das figuras mais representativas do Nordeste brasileiro é Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Junto com Maria Bonita e seus comparsas, o cangaceiro nascido na cidade de Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, foi alvo de diversas *fake news* durante sua vida. Lampião era chamado de ladrão e ao mesmo tempo exaltado como herói. Conhecido como “Rei do Cangaço”, ele andava em bando cometendo crimes motivados por vingança, revolta e

disputas de terra. O cangaceiro era considerado uma figura bruta e rebelde, que se posicionava contra os interesses do governo e por isso era alvo dos mais diversos boatos.

Depois de ser perseguido e diante da recente implementação do Estado Novo, o cangaceiro acabou sendo caçado e morto a mando de Getúlio Vargas na cidade de Angico, sertão de Sergipe. Ao divulgar as imagens das cabeças decapitadas de Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros, que foram expostas ao público no Recife, o governo Vargas informou que o Rei do Cangaço havia morrido com um único tiro. Entretanto, uma nova perícia, que teve o resultado divulgado em 2019 em documentário da BBC News Brasil, aponta que até em sua morte Lampião teria sido vítima de uma *fake news*. O cangaceiro teria morrido, na verdade, com três disparos após ser emboscado por policiais.



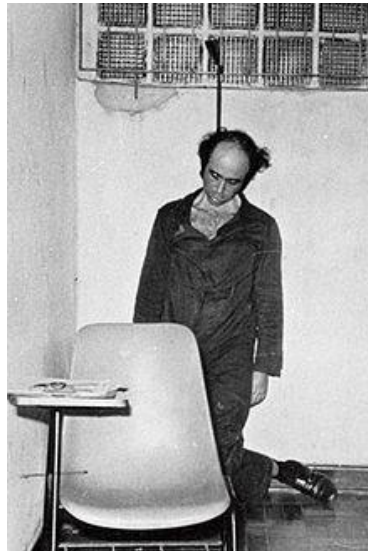
FONTE: Reprodução

#### 4.3 – Morte do jornalista Vladimir Herzog

O jornalista Vladimir Herzog nasceu no mesmo ano em que foi instituído o Estado novo: 1937. Sua morte foi registrada também durante um regime ditatorial, em 25 de outubro de 1975, durante a Ditadura Militar no Brasil. Sua vida profissional foi marcada pela atuação no jornalismo, como professor e diretor da TV Cultura, no cargo de secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin. No mês de sua morte, o jornalista foi chamado para prestar esclarecimento sobre suas ligações com o Partido Comunista. Entretanto, tratava-se de uma estratégia dos militares para eliminar as bases do partido na imprensa, nos sindicatos e em outras entidades.

Herzog foi encapuzado, amarrado a uma cadeira, sufocado com amoníaco, espancado e recebeu choques elétricos, uma rotina aplicada a diversos presos políticos. No dia em que foi divulgada a sua morte, uma nota foi publicada junto a uma imagem, informando que o jornalista havia sucumbido à tortura e se suicidou. Entretanto, o corpo do jornalista pendia da grade de uma janela fechada por tijolos de vidro, que não sustentaria o peso do seu corpo. Além disso, a

imagem mostra que ele estava quase ajoelhado, o que tornava a versão do suicídio ainda mais improvável.



FONTE: Silvaldo Leung Vieira/Arquivo Nacional

#### **4.4 – Comício pelas ‘Diretas Já’ vira festa de comemoração ao aniversário de São Paulo**

A imagem retrata a Praça da Sé, na capital paulista, no dia 25 de janeiro de 1984. Mais de 300 mil pessoas se reuniram para um comício das Diretas Já, que reivindicava eleições diretas e o fim da Ditadura Militar. Pode ser considerado o maior ato político após quase 20 anos de regime ditatorial no país. O povo reivindicava, por meio da Emenda Constitucional 22, o direito de escolher um presidente. Entretanto, o protesto foi marcado por uma falsa narrativa noticiada na televisão aberta, durante o Jornal Nacional, na TV Globo.

Naquele dia, o jornal que era transmitido em horário nobre, à noite, divulgou imagens das ruas de São Paulo abarrotadas de pessoas. No entanto, o ato político foi noticiado como sendo uma das muitas comemorações pelo aniversário de São Paulo. “A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi o comício na Praça da Sé”, disse o apresentador, segundo o portal HypeNews.



FONTE: Reprodução/Hypheness

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa se iniciou a partir do momento em que foi constatado um crescente aumento do compartilhamento de *fake news* relacionadas a imagens na atualidade, mas sobretudo da necessidade de compreender como estes mecanismos funcionavam antes das mídias digitais e como eles contemplavam os interesses políticos durante as ditaduras no Brasil. A partir disso, surgiu a necessidade de analisar o contexto dessas sociedades que passaram por regimes ditatoriais e, a partir da comunicação, associaram imagens às informações para construir uma falsa narrativa.

Ao considerar o exposto, pode ser destacado que o trabalho apresentou como as imagens se fazem presentes na constituição de notícias falsas em períodos históricos que antecedem as eleições de 2018 e podem ser encontrados, como foi destacado, em regimes ditatoriais do Brasil. A pesquisa confirma em parte a primeira hipótese e destaca que as imagens tem participação na propagação de *fake news* em regimes ditatoriais. Entretanto, ao contrário do que foi apresentado na hipótese, pode ser destacado que as imagens não são, necessariamente, o agente propagador das notícias falsas em todos os casos. Nem sempre as imagens são a informação falsa em si, mas representam o desdobramento de uma narrativa falsa ou testemunham o momento em que a desinformação é compartilhada. Já a segunda hipótese pode ser validada, tendo em vista que afirma que o contexto em que as imagens estão inseridas favorecem em sua grande maioria os interesses políticos.

A pesquisa destaca ainda como as imagens se apresentam em diferentes épocas da história do Brasil e confirma que regimes ditatoriais se utilizaram de imagens para compor narrativas falsas, assim como ocorre na atualidade. A partir do que foi abordado com os autores

citados no trabalho, é possível compreender como se relacionam a desinformação, a imagem e os regimes de verdade em dois momentos da história do Brasil. O trabalho cumpre com o objetivo geral ao associar a desinformação favorecimento de interesses políticos a partir de discursos em veículos de comunicação em massa. Além disso, fica evidente o papel de atuação do falso, somado aos regimes de poder, para promover um regime de verdade em um determinado contexto histórico.

Entre as principais dificuldades encontradas durante a pesquisa, podem ser destacadas a limitação de tempo para levantamento de material fotográfico e a dificuldade em encontrar imagens fotográficas relacionadas à proposta do tema. Entretanto, a pesquisa destaca quatro imagens que podem ser utilizadas como referencial para compreender como funcionam as *fake news* na história do Brasil, antes mesmo das mídias digitais, e pode servir como guia para futuras pesquisas que abordem temas relacionados às imagens e desinformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUITONI, Dulcília. **“Fotografia e Jornalismo: A informação pela imagem”**. São Paulo: Saraiva, 2011
- CANDAU, Joël. **“Memória e identidade”**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- EMÉRITO, Matheus. **“Fake Fotográfico: Simulações Paródicas”**. Curitiba: Appris, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **“Microfísica do poder”**. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- FRANÇA, Raíssa. **“Oito décadas depois, novas descobertas reacendem debate sobre como morreu Lampião”**. G1/BBC, 21 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/09/21/oito-decadas-depois-novas-descobertas-reacendem-debate-sobre-como-morreu-lampiao.ghtml>>. Acesso em 15 de julho de 2021.
- JARDIM, Hallini Izabel Ruberto; ZAIDAN, Phillipe Derwich Silva. **“CONTROLE DE INFORMAÇÃO: uma análise sobre o papel da censura e da fake news na história brasileira”**, in V Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação das Regiões Sudeste, Centro-oeste e Sul. 2018, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- MIRZOEFF, Nicholas. **“Cómo ver el mundo: Una nueva introducción a la cultura visual”**. Barcelona, Ediciones Paidós, 2016.
- ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. **“Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos”**. Folha de São Paulo, 18 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos.shtml>>. Acesso em 15 de julho de 2021.
- SONTAG, Susan. **“Diante da dor dos outros”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SONTAG, Susan. **“Sobre a fotografia”**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

Trump may owe his 2016 victory to ‘fake news,’ new study suggests. **The Conversation**, 15 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://theconversation.com/trump-may-owe-his-2016-victory-to-fake-news-new-study-suggests-91538>>. Acesso em 23 de junho de 2021.

VIEIRA, Livia; RIZZI, Rhaiana. “**O papel da fotografia na construção das fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**”. *Redes - Revista Interdisciplinar do IELUSC*, [S.l.], n. 2, p. 161-182, jan. 2020. ISSN 2595-4423. Disponível em: <<http://revistaredes.ielusc.br/index.php/revistaredes/article/view/52>>. Acesso em: 15 jul. 2021.